

# ★ O ATO DE TRADUZIR

Angela Leite Lopes

É tradutora e professora do Curso de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ, autora de *Nelson Rodrigues, trágico, então moderno* (Nova Fronteira, 2007) e diretora da coleção “Dramaturgias” da 7Letras.

**D**iz Valère Novarina, logo no início de *Carta aos atores*: “Escrevo com os ouvidos. Para atores pneumáticos.” E isso será repetido em outros de seus textos. De uma maneira geral, aliás, Novarina gosta de associar a linguagem a partes do corpo, como a mão, e relacionar a escrita também aos buracos do corpo ou aos pés.

Trata-se de fato de algo que deveria ser óbvio, mas deixou de ser: escrever é uma ação, um ato e remete portanto sempre em primeiro lugar a um corpo: daquele que escreve, daquele que diz, daquele que faz, daquele que ouve.

Traduzir é escrever e, muito particularmente, escrever para. Começa pela leitura e pela percepção da composição, da partitura rítmica e sonora que é um texto. No caso da peça de teatro então, traduzir é essencialmente perceber e perseguir essa partitura.

Isso significa que para traduzir é preciso compreender que um texto tem mais coisas a dizer do que alguns conteúdos a serem imediata ou posteriormente interpretados. A riqueza de um texto está na parte de mistério que se encontra no recôndito das escolhas estilísticas do autor e que se revelam ou esmaecem ao sabor das épocas, das culturas, das sensibilidades e das inteligências.

Traduzir implica então em perceber o que se passa nas entranhas do texto original e procurar criar algo em consonância com aquilo na língua de chegada. Traduzir implica a criação de uma tessitura de ordem poética que se inspira, respira e brinca com a letra do texto original.

Essas minhas observações foram surgindo na medida em que fui sempre traduzindo autores

que faziam questão de tomar partido *pela* escrita. Minha primeira tradução foi um texto de Maurice Blanchot, *A literatura e o direito à morte*, publicada no extinto jornal *A parte do fogo* em 1980. Blanchot é um autor que soube aliar uma densa reflexão filosófica a uma prosa construída com rigor poético. Logo em seguida, embarquei na longa jornada de traduzir para o francês as peças de Nelson Rodrigues, entre 1985 e 1999. Nesse percurso, tive que responder inúmeras vezes a perguntas sobre a possibilidade de se fazer entender a obra de Nelson Rodrigues numa outra língua, no caso o francês.

Para responder (mais uma vez), recorro ainda a Novarina, que chama a atenção para a felicidade do fato de em francês o verbo *entendre* significar ao mesmo tempo ouvir e entender.

Para que Nelson Rodrigues fosse percebido por espectadores de outra língua e outra cultura, foi preciso não procurar fazê-los compreender tarefa reservada àqueles que porventura viessem a se encantar ou se intrigar com o autor a ponto de querer saber mais sobre sua vida e sua obra mas que o ouvissem, em toda sua singularidade.

Do ponto de vista cênico, o mais importante era deixar as suas escolhas bem claras, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico, com a peculiaridade do ritmo de seus diálogos, de suas imagens prosaico-poéticas e, sobretudo, o registro de linguagem por ele escolhido em determinadas situações, economizando os palavrões mesmo nas que atingiam um paroxismo de violência e transgressão.

São esses os conflitos de que tanto se fala em teatro, presentes no interior da própria tessitura dramática do autor. São esses os conflitos que não

se pode escamotear e que não passam de moda. Mesmo se ocorreram inúmeras transformações nos costumes desde os anos em que Nelson Rodrigues escreveu até aqueles em que foi traduzido e encenado, a carga de conflito e transgressão desprendida de seus textos continua sendo uma marca em função das suas opções dramáticas.

E a estrutura dramática é algo de perfeitamente traduzível, entendendo que se trata de um trabalho de criação, no sentido pleno da palavra.

E essa operação descrita aqui a propósito de Nelson Rodrigues é a mesma para Plínio Marcos, Roberto Alvim, Serge Valletti, Bernard-Marie Koltès, Samuel Beckett ou Valère Novarina, autores que fui traduzindo nos últimos tempos.

Recorro a Novarina, mais uma vez, para concluir este breve depoimento, citando um trecho da conferência que ele fez no Rio de Janeiro em 2009, por ocasião do evento *Novarina em cena*:

“O trabalho da tradução é de todo modo fundamental e é um verdadeiro trabalho poético porque se trata de mostrar o jogo que se dá talvez entre o espaço e a linguagem. Há também a alegria da distância da mesma forma, é a distância entre os textos, a distância entre os corpos que faz o atrativo do amor. [...] E talvez não se devesse usar a palavra tradução mas a palavra transporte. Você transporta o texto. E a palavra transporte é linda porque se pode falar também de *transporte amoroso*.” ☆